

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 80000

Temática: Política

Dimensão: 1087 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 4



A Radar //

ORÇAMENTO



António Saraiva afirmou que sem produtividade não haverá criação de riqueza

DIOGO NICOLAU

CIP. “Governo deve olhar para as empresas como motores da economia”

Menos IRC, menos taxas e mais estabilidade fiscal são algumas das medidas defendidas pela CIP para serem contempladas no próximo OE

CAROLINA BRÁS*
carolina.bras@newsplex.pt

Promover o investimento, fomentar condições de capitalização e financiamento, adequar o mercado de trabalho e melhorar o ambiente de negócios foram os quatro eixos apresentados ontem pela Confederação Empresarial Portuguesa (CIP) e que estão assentes nas 50 propostas que a entidade liderada por António Saraiva quer ver incluídas no próximo Orçamento de Estado (OE). A ideia, segundo a CIP, é discriminar positivamente as empresas que apostem na inovação, capitalização e qualificação dos recursos humanos.

António Saraiva, presidente da confederação, deixou claro

a necessidade de começar olhar para as empresas como motores da economia e não como “meras fontes de receitas”, defendendo que são necessárias bases mais sustentáveis e duradouras, para que tal aconteça.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, a confederação acredita que a economia precisa de dar alguns estímulos à educação e, como tal, propõe que uma parcela da Taxa Social Única (TSU) seja utilizada para financiamento da formação profissional. A CIP ressaltou igualmente a necessidade de crescimento das empresas e do aumento da produtividade.

Quanto ao investimento, a CIP quer uma taxa reduzida de IRC para as Pequenas e Médias

Empresas (PME), o aprofundamento do regime de dedução de lucros retidos e reinvestidos “por forma a estimular o investimento”. De acordo com Pedro Capucho, diretor coordenador de assuntos económicos da CIP, estas medidas surgem como condição indispensável para a inovação e diferenciação dos produtos, bem como para a conquista de outros mercados.

A confederação defende ainda que as empresas tenham acesso a capital e, para isso, considera importantes incentivos à retenção de lucros e uma lufada de ar fresco no programa Capitalizar.

Mas as ideias não ficam por aqui. Para um mercado de trabalho ativo, a CIP alerta para a urgência de pagamentos em atraso por

parte de todas as entidades públicas, justiça económica e redução dos custos de contexto. Para António Saraiva é necessário que o país seja “mais competitivo e produtivo, mais justo e sustentável, mais realista e menos demagógico”. E deixou um recado: “sem produtividade não haverá criação de riqueza”.

GOVERNO OTIMISTA A descida do preço na eletricidade e o aumento do salário mínimo são alguns dos exemplos apontados pelo ministro da Economia e que estão a contribuir para o aumento das exportações, o que, no entender de Caldeira Cabral, representa um importante gerador de quo-

ta de mercado. Os últimos dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) apontam para um crescimento de 13% das exportações.

No entanto, o governante admitiu que ainda há muito trabalho pela frente no que diz respeito ao crescimento da economia, garantindo ainda assim que essa já é umas das preocupações do executivo durante a elaboração do OE 2019.

Ainda esta segunda-feira, o primeiro-ministro afirmou que não antevê grandes dificuldades na elaboração do Orçamento do Estado, garantindo que está tudo a decorrer de forma serena. “Há mais experiência negocial”, disse, acrescentando que o documento será “seguramente melhorado e aprovado”.

Menos otimista está Vítor Bento ao garantir que a taxa de crescimento da economia portuguesa vai “inevitavelmente desacelerar” por falta de recursos e de investimento, uma vez que o país “não tem base de suporte para uma taxa de crescimento sustentável”.

O responsável mostrou-se preocupado com o facto de Portugal não estar a realizar poupança. “O investimento acaba por ser suportado com poupança externa, criando vulnerabilidade”, disse.

*Texto editado por Sónia Peres Pinto

CIP quer usar uma parte da TSU para financiamento da formação profissional

Vítor Bento diz que economia portuguesa vai “inevitavelmente desacelerar”